

Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa: **EMÍLIO VALONGO** Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9
TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



GLORIFICAÇÃO DO INFANTE

«... quantas vezes o achou o Sol assentado naquele lugar onde o deixara o dia dantes, velando todo o arco do noite, sem receber nenhum descanso, cercado de gente de diversas nações».

Zurara

ESTE jornal que já por mais de uma vez exaltou a figura singular, impar da nossa história, do excelso Infante D. Henrique, associando-se deste modo às Comemorações do Centenário do seu falecimento, pa- pinciar mais a sua admiração ao Homem que projectou Por-

Foi este jornal um dos que trabalhou para que na ponta de Sagres, onde se acendeu o fa- cho que alumiou o mundo abrin- do-lhe novos caminhos e novas perspectivas, se erguesse a es- tátua do Infante. Por circuns- tâncias várias que pesaram no ânimo do Governo não se le- vou por diante o que se dese- java.

Mas ao lado da A'guia, adi- vnhando-lhe as suas intenções e cumprindo-lhe as suas ordens, outras adejavam embora de menor envergadura. Não é justo esquecê-los nesta hora de gra- tidão e glorificação.

O Algarve tem nas tripulações das frágeis caravelas assento de muitos nomes de seus filhos

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

INFANTE D. HENRIQUE

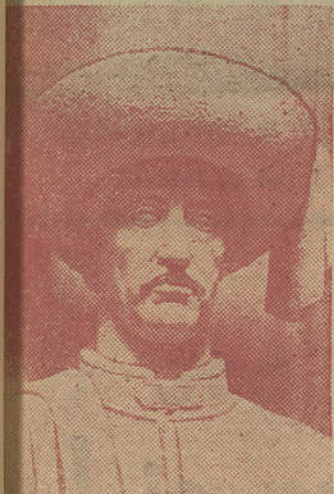
(1394—1460)

Pelo Almirante GAGO COUTINHO

São do sábio almirante Gago Coutinho, glorioso mestre da arte de navegar, as linhas que se seguem — de brilhante evoca- ção — e que, com a devida vénia, extraímos de um «Boletim» da Casa do Algarve, em Lisboa, agremiação regionalista que à causa da monumento ao Infante D. Henrique tem dedicado uma acção verdadeiramente digna de reconhecimento e louvor.

DEPOIS de, em 1415, ape- nas com 21 anos de idade, ter combatido na conquista de Ceuta, D. Henrique passou a preocu- par-se com o descobrimen-

to dos caminhos para a Gui- né e Índia, só por mar, obra esta que, quer pelo lado cristão, como pelo comer-



gal no futuro, publica hoje o número especial a ele dedi- cado.

NOTÍCIAS DO ALGARVE

Com o presente número presta «Notícias do Algarve» a sua mais sincera homenagem ao Infante D. Henrique, figura impar na nossa história, cujos centenários de nascimento ou Morte decorrem neste ano de 1960.

Apresentando aos seus Leitores na pequena colectânea de arti- gos insertos durante a longa pe- didade do «Notícias do Al- garve» nas suas colunas e outros a autoria dos nossos mais ínti- mos colaboradores, orgulhamo- nos de apresentar um número es- pecial em formato «Magazine», impresso sobre papel mate e com cuidada apresentação gráfica.

Pedindo desculpa ao atraso da ida deste número, «Notícias do Algarve» agradece a todos os seus Leitores Colaboradores e amigos as inequívocas manifesta- ções de amizade prestada quando desta súbita interrupção do «Notí- cias do Algarve».

Comemorações Henriquinas NO ULTRAMAR

A COMEMORAÇÃO do Cen- tenário da Morte do Infan- te D. Henrique está des- pertando em todas as nossas pro-

vincias ultramarinas grande e bem significativas expressões de lealismo à Mãe-Pátria, que são ao mesmo tempo admiráveis e

inequívocas afirmações de unida- de nacional.

Os portugueses de Além-Mar, estão assim demonstrando um orgulho patriótico que não pode deixar de merecer o mais relevan- te registo. Compreende-se, aliás, que assim seja.

O glorioso filho de D. João I é, sem sombra de dúvida, o primeiro português do nosso Além- Mar de todos os tempos. Foi ele, pode dizer-se o fundador, o grande cabouqueiro do Portugal ultramarino.

Sem Ceuta, sem os Descobri- mentos e Conquistas — obra do Infante — o Portugal ultramarino jamais teria sido possível, as ban- deiras das quinas e a da Cruz de Cristo jamais teriam tremulado sobre cinco continentes.

Honrando a memória do Infan- te D. Henrique, orgulhando-se da sua glória, essa glória que enche algumas das mais belas páginas da história da Humanidade, os portugueses do Ultramar fazem nova profissão de fé nos destinos da Pátria, que tem no ínclito Prín- cipe uma das suas maiores e mais belas figuras e por isso mesmo

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)



Pormenor do Monumento aos descobrimentos



Um dos últimos retratos de Gago Coutinho

cial, tanto interessava a Portugal e a todos os povos.

Naquela época, a navega- ção não passava para o sul das Canárias, nem ia ao mar

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)

BRAVURA DO INFANTE D. HENRIQUE NA TOMADA DE CEUTA

A EXPEDIÇÃO compunha-se de duas esquadras, a primeira com tripulantes do Algarve, Alentejo e Estremadura, comandada pelo Infante D. Pedro e a segunda com tripulantes do norte, comandada pelo Infante D. Henrique.

A bordo da primeira esquadra, ia D. João I e o seu Condestável, D. Nuno Alvares Pereira, e outros lusitanos de representação. Com D. Henrique iam seus irmãos D. Duarte, o primogénito, e D. Afonso, conde de Barcelos, o bastardo.

Levava também consigo o Mestre da Cavalaria de Cristo, D. Lopo de Sousa, o representante de D. Mendo, o herói de Silves. Era descendente de D. Afonso Henriques, de D. Sancho I, de D. Afonso III e do seu mordomo-mor, D. João de Aboim. Herdeiro das duas maiores fortunas que tinha havido em Portugal, do conde Sousa e de D. João de Aboim, tudo lhe roubaram, por ódio dos serviços que os seus maiores prestaram à pátria. O último expoliador foi D. Pedro, o cruel, que lhe assassinara o pai e lhe confiscara o resto dos bens. Para sustentar sua mãe, fê-lo sua tia, D. Leonor Teles, Mestre de Cristo, com pouco mais de seis anos.

la também seu primo, o conde de Viana, D. Pedro de Meneses, descendente de D. João Afonso Telo de Meneses, que ajudara a tomar o Algarve aos mouros e a Castela; Martim Afonso de Melo, descendente de Mem de Melo, seu companheiro.

Tendo partido a armada de Lisboa, no dia 25 de Julho de 1415, dobrara o Cabo de S. Vicente e ancorara em Lagos, onde D. Henrique tratara a primeira vez com

→ Pelo MAJOR SOUSA NUNES

gente algarvia e tão agradado ficara que nunca mais pôde separar-se dela.

De Lagos, dirigiram-se a Gibraltar, mas tiveram de demorar em Faro, até 7 de Agosto, por falta de ventos favoráveis. Levantando âncoras nesse dia, foram lançá-las em Algeciras, não longe de Gibraltar.

No dia 12, estavam diante de Ceuta, com enorme terror dos seus habitantes. D. Henrique pediu, em Lisboa, a seu pai que o deixasse ser o primeiro a desembarcar com os seus. O rei não só lho concedeu, como lhe outorgou a direcção principal da empresa.

Depois das manobras da praxe, para iludir o inimigo, o desembarque foi resolvido para o dia 21 de Agosto, de manhã.

Na frota de D. Henrique, a impaciência era extrema, e como o sinal demorasse, o veador do conde de Barcelos, D. João Fogaça, não podendo mais conter-se, abicou à praia com o seu batel, sendo, todavia, Rui Gonçalves o primeiro a sair.

Seguiu-se-lhe o infante, à frente dos seus cavaleiros, indignado de outro se lhe haver antecipado. Os mouros tinham deixado a cidade e na praia travavam-se combates, entre mouros e cristãos, dignos da pena de Homero.

Lutava-se de corpo a corpo, com um génio guerreiro que igualava as pelejas travadas diante de Tróia, entre gregos e troianos. Na confusão da luta, no meio do turbilhão do ferro e aço, formado pelas armaduras, arnezes, grevas solhas, elmos e viseiras, não era

fácil aos que pelejavam conhecerem-se entre si.

Pareceu, contudo, ao Infante D. Henrique, ver seu irmão, D. Duarte, no mais aceso da pugna. Não se enganava; não podendo reprimir a sua belicosa impaciência, o herdeiro da coroa, por uma heróica desobediência às ordens de seu pai, meteu-se numa chalupa, acompanhado por três ou quatro fidalgos, e veio confundir-se com os combatentes do Infante, seu irmão.

Acolhido por D. Henrique jubilosamente, D. Duarte tomou com ele a direcção da peleja, que progrediu vitoriosamente para os lusitanos. Vendo fraquejar os mouros, acordaram os dois irmãos, com os seus cavaleiros, que tinham consigo, em assaltar a cidade, a qual, por fortuna, encontraram com as portas abertas.

A este tempo, já estava com eles, o conde de Barcelos, seu irmão bastardo, e pouco mais ou menos uns quinhentos guerreiros. Por conselho do Infante D. Duarte, tomaram um outeiro, onde se instalaram e donde irradiaram depois pelas diferentes ruas, que os mouros defendiam, com impeto e desespero de quem defende os seus lares.

Dividiam-se os atacantes em três grupos comandados, respectivamente, pelo conde de Barcelos, Martim Afonso de Melo, e o terceiro pelos dois infantes, D. Duarte e D. Henrique, que tomaram, os dois últimos, todas as alturas da cidade.

Para lutar mais à ligeira, D. Duarte despiu a armadura, fican-

do apenas com uma cota, do que resultou adiantar-se ao irmão. Para o imitar, D. Henrique despiu também a sua armadura, e quando acabou já o não viu. D. Duar-

te fora ocupar a mais elevada eminência, conhecida pelo de Cesto.

D. Henrique julgou que e

(CONCLUI NA 6.ª PAGINA)



Estátua de D. João I, pai do Infante

CLAIRE BLOOM — estrela do filme «Corsário Lafitte» um filme Paramount — Vistavision — Cor por Technicolor



LUX, tanta cor e belera para si!

A sedutora beleza das estrelas de cinema está também ao seu alcance! A suave e delicada acção da espuma puríssima de Lux é para si um verdadeiro tratamento de beleza.

Use Lux e siga o exemplo de Claire Bloom que lhe diz:

«Gosto de todas as novas cores em que Lux se apresenta agora. Penso que se usar uma vez Lux — branco ou em cores — também Você confiará nele».



BRANCO • VERDE • ROSA • AZUL

9 de cada 10 estrelas usam **LUX**, branco ou em cores!

DEMANDANDO MUNDOS...

...Iam em demanda de mundos, levando Deus dentro do peito, sob as constelações augustas, entre tempestades, os rochedos, os climas e as correntes, de pé nos tombadilhos, descobertos, rodeando um Cristo, cantando os psalmos ao coro dos furacões, todos reluzentes de armaduras e de divisas de amor, com a alma cheia de altivezas de batalhadores e de doçuras de apóstolos...

Eça de Quelroz

Uma conferência de Gentil Marques na Sociedade de Língua Portuguesa sobre poesia e poetas madeirenses

A Sociedade de Língua Portuguesa, prestigiosa instituição a que preside o alto espírito do Reverendo Dr. Raúl Machado, autêntico defensor da pureza da nossa linguagem, realizou-se um magnífico serão cultural que teve numerosa e distinta assistência e no qual foi conferenciado o escritor e poeta Gentil Marques. Presidiu à sessão o Dr. Juvenal de Araújo, antigo e notável deputado da Nação, e um dos mais válidos valores espirituais da Madeira. Ladeavam-no o Dr. Manuel das Santos Ferreira, director dos Serviços de Finanças da Câmara Municipal de Lisboa, e o representante do sr. Brigadeiro França Borges; a Dr.^a Adelaida Félix; professora escritora muito distinta; e professor Cruz Filipe, orador de méritos excepcionais e o ilustre ensaísta Jorge Rebelo.

Aberta a sessão com palavras de homenagem ao orador, ditas pelo dr. Juvenal de Araújo, falou em primeiro lugar o ensaísta Jorge Rebelo que se referiu a Gentil Marques, em termos altamente elogiosos, pondo em destaque a sua actividade multiforme nos mais variados campos de actividade, desde a Literatura à Rádio, desde o Jornalismo ao Cinema, desde a Publicidade ao Turismo. Para tal, acentuou Jorge Rebelo, as necessárias condições de espírito e de dinamismo, que só poucas possuem. E lembrou uma qualidade habitual de Gentil Marques, que costuma dizer, muitas vezes, «dorme à pressa» para significar que tem de encurtar o seu tempo para pôr-se a fazer os seus afazeres. Depois, o dr. Juvenal de Araújo deu a palavra a Gentil Marques.

POESIA DA ILHA DA MADEIRA

O orador começou por estabelecer uma evidente analogia entre o significado enciclopédico de poesia e as características básicas da própria Ilha da Madeira — principalmente através das suas paisagens e dos seus locais bem conhecidos, com nomes poéticos como, por exemplo, ao acaso da Moura, Ponta de Sol, Caniçal, Moura da Janela, Câmara de Leão, Cabe Girão, Ponta de Garças, Balcões de Ribeiro Frio, Jardim do Mar, Serra d'Água, Maciço etc. etc.

Fixando-se em Machico, premeamente, reportou-se também aos primitivos tempos da colonização, para demonstrar como os

homens de Gonçalves Zarco e de Tristão Vaz Teixeira, se devem ter sentido extasiados no seu primeiro contacto com a Ilha tão bela e tão estranha.

A partir daí — e prestando homenagem ao génio do Infante D. Henrique, em cuja época se descobriu a Ilha da Madeira, «chave para o futuro» — Gentil Marques estabeleceu uma íntima correlação entre o homem e a natureza e referiu-se a todos os poetas que têm cantado a Madeira, desde Camões na estância V do V canto dos «Lusiadas»

OS POETAS DA ILHA

Depois, a propósito, e sempre falando de improviso, ao saber da própria memória, Gentil Marques evocou o nome de alguns dos mais celebrados poetas da Madeira. E deste modo, perante a curiosidade da grande maioria dos assistentes desconhecedores, por assim dizer, das revelações feitas pelo conferente — foram desfilando os nomes de João Gonçalves da Câmara, Tristão Teixeira (e Tristão das Damas); João Gomes, o Trovador; Baltazar Dias; Luis António Jardim; a misteriosa Lília Amada, Maria Amélia Pais; o famoso Padre Patrício Moniz; João da Câmara Leme; João Augusto de Ornelas; o Visconde de Gonçalves de Freitas; Joaquim Pestana e de Berta de Atayde, «a decana das poetisas portuguesas», no conceito sensato de Branca da Gente Colaço.

O CAMÕES PEQUENO E O FEITICEIRO DO NORTE

Gentil Marques desenhou então a atmosfera espiritual da Ilha da Madeira, onde a Poesia brota, como ele disse, de próprio sentido da Natureza, quase por geração espontânea. E fixou-se muito especialmente, como tema-base da sua palestra, em dois grandes poetas madeirenses, que apontou como símbolos, na sua essência: Francisco Álvares de Nóbrega. «O Camões pequeno», autor de sonetos admiráveis e contemporâneos do Bocage — sendo tanto ou mais desgraçado que o grande cantor do Sando — e Manuel Gonçalves «o Feiticeiro do Norte», poeta popular, por excelência, na estirpe em Bandarra, dum Manuel Alves, dum Zinão, dum Aleixo etc. A propósito, contou em tom romanesco a vida de ambos, lendo alguns dos sonetos mais expressi-

COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

Saberemos, como no passado CONTINUAR FIÉIS À VOCAÇÃO DE QUE O INFANTE Foi o mais nobre dos intérpretes e o mais lúcido dos obreiros

— AFIRMOU, EM LISBOA, O CHEFE DO ESTADO

NA sessão inaugural das comemorações henriquinas, realizadas na Assembleia Nacional com a assistência do Senhor Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, do Presidente do Concelho, dr. Oliveira

e homens de acção que pela sua fé, abnegação, arte ou firmeza de ânimo fizeram os oito séculos da nossa História.

«Dirijo agora ao Brasil as minhas palavras: para saudar no seu Chefe do Estado, e, com ele, o próprio nome de Portugal. Com a prestigiosa presença o Brasil traz-nos a certeza dos destinos dessa Comunidade Luso-Brasileira, cujas raízes profundas vão

buscar ao tronco comum das descobertas a seiva da sua punjança e a nobreza da sua heráldica.

«Neste itinerário da História, saudamos também essa grande Espanha peregrina, como nós criadora de nações, propagandista da Fé e edificadora de heroísmo que por direito próprio tem o seu lugar neste momento junto de nós

(Conclui na 9.ª Página)



Salazar, do Governo e do Corpo Diplomático, o Presidente da República, contra-almirante Américo Tomáz, afirmou:

«Ao declarar inauguradas as comemorações henriquinas, evoco todos aqueles lavradores da terra e do mar, capitães ou marinheiros, sábios, missionários ou soldados, homens de pensamentos

vos de Francisco Álvares de Nóbrega e as quadras pictóricas dos romances populares de Manuel Gonçalves, que por vezes despertaram largas gargalhadas no auditório.

Um, o poeta sentimental. Outro, o poeta satírico. Aliás, entre esses dois polos, colocou Gentil Marques, no seu trabalho, a génese da Poesia madeirense e a alma do seu próprio Povo — terminando, como iniciou, por fazer a comparação da Ilha da Madeira à Poesia, como motivo de inspiração e de extase.

UM FINAL EMOTIVO

Uma grande e prolongada evasão sublinhou as últimas palavras de Gentil Marques. Seguiu-se então, no uso da palavra, o professor Cruz Filipe, que teceu alguns comentários oportunos, sugerindo que o trabalho de Gentil Marques deveria ser publicado — e fechou a sessão o dr. Juvenal Araújo que teve também um empolgante improviso, felicitando o orador, com palavras emocionadas, e tecendo um hino de louvor à própria Ilha da Madeira, convidando todos os presentes a visitá-la e a conhecê-la, porque ela bem o merece!

Foi, sem dúvida, um magnífico serão cultural e deixou na alma de todos os presentes mais vinculada a magia com que a Ilha da Madeira domina sobre todos que a conhecem e a atracção sobre aqueles que ainda não a visitaram. Assim se faz, na verdade, a propaganda turística de Portugal entre os portugueses!

Limpo com Vim...

é um espelho!



O meu fogão está impecável!

Com Vim não há limpezas difíceis! Um pouco de VIM num pano húmido ou no esfregão habitual, esfrega-se e... pronto! Tudo fica cintilante de asseio, impecavelmente limpo. Vim, desengordura e limpa num instante. Alumínios, azulejos, banheiras, esmaltes e lavatórios, limpos com Vim, brilham como novos!

Vim
limpa e faz brilhar
tudo no seu lar

Limpa e faz brilhar
Tudo no seu lar!



DESPORTIVO



COMENTÁRIOS AO NACIONAL DA II DIVISÃO RELANCE DA JORNADA

No domingo passado efectuou-se a vigéssima jornada dos campeonatos nacionais de futebol da I e II divisões. No Torneiro secundário nada se registou digno de realce, embora os «quadros» algarvios marcassem boa presença, pois, tanto o Lusitano como o Portimonense e ainda o Farense saíram vitoriosos dos seus embates. Apenas o Olhanense empatou frente ao Estoril.

A VIGÉSSIMA JORNADA DISSE:

Em Faro

No Estádio de S. Luís em Faro, assistimos ao embate a equipa local e o Desportivo de Beja e como esperávamos o encontro não atingiu craveira técnica elevada. No entanto o jogo foi curioso de seguir, pois, registaram-se alguns lances individuais que entusiasmaram o reduzido público

presente a esta partida entre dois conjuntos que já se encontram arredados dos dois primeiros lugares. Ao fim e ao cabo uma vitória fácil e indiscutível dos algarvios pela marca de seis tentos a um. De registo o golo dos beijenses, o mais espectacular dos tentos marcados...

Em Montijo

Mais uma vitória dos representantes do Lusitano Futebol Clube. Desta vez no Montijo frente ao grupo local. O resultado final de três tentos a um não deixa

antever quaisquer dúvidas e demonstra que para os algarvios da vila pombalina não existe o factor-ambiente...

Em Lisboa (Estoril)

Os Algarvios de Olhão não foram felizes na sua deslocação a Lisboa, pois, deixaram que os homens do campo da Amoreira lhes imponessem um empante a um golo. Embora considerassemos este encontro bas-

tante difícil para os algarvios, esperávamos, no entanto, uma vitória dos rubro-negros pela diferença mínima. Assim não aconteceu pelo que, as suas aspirações já são muito remotas...

Em Serpa

O Portimonense foi a Serpa arrancar dois pontos preciosos. O resultado final de dois tentos a zero foi o desfecho justo da partida entre

algarvios e alentejanos. Boa vitória para as aspirações dos barlaventinos, não há dúvidas...

A 21.ª JORNADA QUE DIRÁ?

Hoje efectua-se os encontros de futebol para a vigéssima primeira jornada dos campeonatos da I e II divisões. Na II Divisão um jogo há que está a despertar em toda a província algarvia o maior entusiasmo, referimo-nos ao embate que se realiza no Campo Francisco Gomes Socorro entre o Lusitano e o guia da classificação. A no ser esta partida, os restantes encontros não despertam entusiasmo de maior. Vejamos as possibilidades dos «quadros» algarvios:

OS ALGARVIOS REMATARAM MUITO E BEM.

Jogo no campo «Luis de Almeida Fidalgo», no Montijo.

Árbitro: Eduardo Antunes de Santarém.

MONTIJO — Redol; Serrilha, Pinto e Valentim; Santana e André; Barriga, Custódio, Arsenio, Aleixo e Manuel Luis.

LUSITANO — Martinez; Parra, Campos e Gonçalves; Padesca e Mendes; Torres, Jaruga, Rodolfo, Araújo e Ramires.

O Lusitano foi ao Montijo averbar mais dois preciosos pontos conquistados indiscutivelmente contra a equipa local como os jornais de especialidade comentaram.

Damos algumas passagens do jornal «Mundo Desportivo».

Em Vila Real de Santo António

Depois da excelente vitória dos lusitanistas em campo alheio não temos dúvidas — embora no desporto não haja lógica — em afirmarmos que muito dificilmente os barreirenses conseguirão dois pontos na sua difícil deslocação à vila pom-

balina. O melhor resultado que os barreirenses poderão alcançar é um empate e é se alcançarem. Sinceramente confiamos no brio, no valor e na vontade dos rapazes da camisola rubra, que na primeira volta foram derrotados pela marca de 5-3.

Em Olhão

Os rapazes do Olhanense devem ganhar ao Montijo. O resultado final desta partida deve ser favorável aos algarvios e por boa margem,

diga-se de passagem. Na primeira volta os olhanenses foram derrotados pela marca de 2-1.

Em Portimão

Os Portimonenses recebem o Olivais e devem ganhar, embora com muitas dificuldades. Recordamos que a primeira derrota dos portimonenses neste tor-

neio foi em Olivais exactamente contra o conjunto que recebem hoje. Nesse encontro e resultado foi de 5-3 favorável aos lisboetas.

Em Lisboa (Arroios)

O Farense desloca-se a Lisboa para jogar contra o simpático Arroios e devem

ganhar com muitas facilidades. Na primeira volta os algarvios ganharam por 4-0.

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Barreirense.	20	15	2	3	45-16	32
Oriental.	20	13	4	3	35-15	30
OLHANENSE	20	13	2	5	48-15	28
PORTIMONENSE	20	13	—	7	49-26	26
FARENSE	20	11	3	6	43-22	25
LUSITANO	20	9	5	6	41-29	23
Montijo	20	9	2	9	39-40	20
S. L. Olivais	20	8	3	9	35-35	19
Desp. Beja	20	7	3	10	28-38	17
Estoril	20	6	3	11	28-42	15
Almada	20	7	—	13	22-33	14
Serpa.	20	6	2	12	31-52	14
Juventude	20	4	5	11	32-49	13
Arroios	20	2	—	18	22-86	4

Jogos para hoje: OLHANENSE-Montijo; LUSITANO-Barreirense; Arroios-FARENSE; Beja-Almada; Juventude-Serpa; PORTIMONENSE-Olivais; Oriental-Estoril.

«O triunfo assenta feitamente aos algarvios pois formaram o melhor grupo em campo e, sobretudo, souberam tirar partido das condições atmosféricas.

Com o vento pelas costas o Montijo conheceu, na minha parte, certo ascenso territorial. Porém, em domínio não teve concretização; já porque os sastrados se mostraram sastrados a alvejar a bola, já porque os lusitanistas se defenderam tenazmente e sem desorientação».

Noutra passagem, disse o cronista do referido jogo: «Apenas com o atraso de um golo os algarvios chegaram o segundo período todo o gás. Tirando partido do vento cedo se instalou no meio campo do antonista, e quando veio a igualdade já Rodolfo havia levado a bola à madeira momentos antes. A partir de então, só uma equipa existiu no rectângulo vencedor. Comanda por Rodolfo e rematando por qualquer ângulo e distância os forasteiros integram-se perfeitamente na tática indicada. Jaruga era um auxiliar precioso nesse trabalho e, portanto, não desprende a subida para comandar no marcador. É isto que o último golo consentido de modo intil, mas nada há a dizer de desabono da proeza cometida pelo «onze» do Alve. De salientar o aposto na luta, sem desmerecimento. Os médios estiveram de altura das necessidades de uma defesa poucas vezes se embaraçada».

Outros resultados

Estoril, 1 — Olhanense, 1
Farense, 6 — Beja, 1
Serpa, 0 — Portimonense, 0
Olivais, 0 — Oriental, 2
Almada, 1 — Juventude, 0
Barreirense, 5 — Arroios, 0

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
na FIGUEIRA DA FOZ
Tabacaria Pessoa

APOSENTAÇÕES

Na Itália foi aposentado com a mensalidade de 1.600\$00 um famoso cão-polícia:
Achamos bem que o mérito seja sempre recompensado onde quer que se manifeste. Sómente comentamos que haja um país onde funcionários do Estado levando uma intensa vida de labor na instrução e educação de seus filhos, recebem a mesquinha de 600\$00 mensais em 10 dos 12 meses do ano, (nos outros dois nada recebem), sem reconhecimento ou garantia dos seus esforços quando já nada podem produzir.

Referimo-nos, como já devem ter compreendido, aos Regentes Escolares.
Para a sua situação tornamos a pedir um pouco de humanidade e justiça.

PORTO
RAINHA
SANTA

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINEO
& C.

Vila Nova de Gaia



UM CONTO DE VEZ EM QUANDO

RAÍZES

(Conclusão do n.º 348)

me resignar à tirania das circunstâncias. Calou-se por momentos, como a encontrar palavras para melhor definir as suas ideias, e bruscamente ergueu a voz: — Ouça, doutor, pensou já nas causas que levaram o homem que acabamos de ver àquela desfecho? eu conheci-o há dois anos, tive ocasião de lhe conhecer as ideias, de medir a sua estatura moral. Dizem p'ra

ai que era um idiota, e o povo chamava-o poeta, embora o homem nunca se tivesse dedicado às musas. Era um poeta, na verdade, mas um poeta que pretendia traduzir ideias em actos. Ele não foi como nós, não veio para aqui a admirar a paisagem, ou enterrar a sua existência na fácil comodidade desta vida provinciana, rasteira e sem horizontes. E a sua vida foi um eterno conflito com a rotina; e a rotina acabou por o matar. Mas a diferença existente entre esse homem e nós não é tão grande como imagina. A impotência é uma espécie de suicídio cotidiano e a maioria dos homens deixam-se morrer, acumulando dias e dias inúteis. Nós, meu caro, não temos raízes. Este é o nosso grande mal; não temos raízes na vida, e daí o resistimos aos embates da existência.

O médico acendeu um cigarro, e batendo afavelmente nas pernas do delegado continuou no mesmo tom filosófico: Por curiosidade, por simples curiosidade, durante toda a minha vida, tenho reflectido nos diversos casos dos suicidas. O suicida é um doente, um fraco de vontade, um desadaptado às súbitas circunstâncias que a vida lhe oferece. O homem tem as suas raízes na vida: essas raízes tomam o nome de ambição, amor, da fé numa religião ou em qualquer ideal. Quem quebrar essas raízes perde-se irremediavelmente. Partidas as raízes o homem deixa de ter qualquer interesse na vida, e a coragem falta-lhe para resgatar, de futuro, os seus erros ou suportar os seus desgostos. Então vem o desespero, as horas vividas sem sentir, cai-se no viver por viver, uma coisa abjecta, sem gosto e sem interesse a agonia dos actos frustrados. Foi, em resumo, o drama do homem, esse pobre Eduardo, esse fraco Eduardo. Na morte, como o doutor viu, quis ainda no momento derradeiro fazer poesia, poesia da melhor, da mais trágica e mais inútil, Há homens que se sacrificam até ao último momento para ensinarem aos outros homens como se deve viver. No jardim de Eduardo, meu caro doutor, no seu jardim como observou, as flores ainda por lá floriam belas e naturais e nos lábios da sua bonita mulher, certamente, ainda brincavam sorrisos alegres e confiantes. Mas este desgraçado já não tinha olhos, nem para as flo-

res, nem para a mulher, nem para nada—a vida deixara de ter beleza porque deixara de ser surtido. Um homem com fome pode momentaneamente cair no mais vivo desespero e no entanto sentir-se amarrado à vida, pois sabe que a fome não será eterna. O caso desse pobre Eduardo era uma espécie de doença crónica, uma coisa mais séria, muito mais complicada... — Por que o lamenta? — gritou o delegado num tom áspero — Não disse já que esse tipo era um frouxo de vontade, um tipo excêntrico, esquisito! Que adianta para a nossa vida o seu caso? O médico sorriu: Eu lamento-o, e lamento todas as nossas vidas. Você, doutor, está a viver longe do mundo dos nossos dias, você está a enrodilhar-se, nos folhos das saias da sua mulher, a inebriar-se nos sorrisos da sua esposa.

Nós, meu amigo, estamos a voltar as costas à vida. Eu lamento o Eduardo e a compaixão por esse homem que eu mal conhecia estende-se a todos os homens — Bolas! disse o delegado. Confesso que não percebo onde você quer chegar. No seu entender, nós não passamos duns inúteis. Quando era estudante ainda me preocupei com esses problemas e perguntei-me muitas vezes se na vida não existia muita coisa errada que era necessário corrigir, eliminar. Mais tarde, eu chamei a essa minha fase da juventude a época metafísica do homem. Depois, depois esqueci esses problemas e atrelei-me à vida como todo o homem normal se sente obrigado a fazer. — Ai está a vila, meu camarada, a sua pensão, aí o deixo, meu jovem amigo; e logo lá o espero no café, para a habitual partida do bilhar. Não falte, você é um camarada esquisito, eu passei por todas essas dúvidas e afinal venci a época metafísica tão naturalmente como se vence o sarampo. A gente tem que viver de qualquer modo, e o principal é viver!

O médico saltou do carro, ficou momentos parado no meio da rua, um sorriso triste nos lábios, os olhos ensombrados de tristeza, depois um gesto resolutivo, a boca quase cerrada, atirou: Desculpe, doutor, hoje não vou ao café, tenho um trabalho urgente a executar, hoje não vou ao café. Fica para amanhã, para outro dia, hoje não vou. — Diabo — respondeu o ou-

INCRÍVEL! NOVA
VAQUEIRO
ainda mais saborosa!



EXPERIMENTE SEM DEMORA!

Faça como de costume um dos seus cozinhados habituais mas, com a nova Vaqueiro! Verá! Se o paladar que a Vaqueiro dava a todos os pratos era já fino e requintado, agora... ah! agora... não há palavras que o expliquem — é ainda mais fino, mais apetitoso, mais requintado e gostoso! É verdadeiramente sensacional! Cozinhe já com a nova Vaqueiro!

torna tudo
ainda mais
apetitoso!



Vaqueiro



Iluminura da «Crónica da Guiné», manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Paris.

BRAVURA DO INFANTE D. HENRIQUE NA TOMADA DE CEUTA

(CONCLUSÃO DA 10.ª PAGINA)

guia a rua direita e tomou aquela direcção, levando adiante de si os mouros, que de toda a parte lhe apareciam em cardumes, defendendo-se e fugindo direito ao castelo, onde a rua ia ter.

Cerca dele, encontrou-se com um grande magote de companheiros correndo diante dos mouros. D. Henrique deixou passar os portugueses e defrontou-se com os perseguidores, auxiliado pelos guerreiros que o seguiam.

A luta era muito desigual e ele teve de bater-se quase sózinho, até que os portugueses que fugiam, envergonhados do seu pânico, e reconhecendo D. Henrique, voltaram atrás, levando os mouros de vencida até próximo da alfândega. Ali, os mouros, reforçados por muitos dos seus, tornaram a destroçar os portugueses.

Estes, enquanto fugiam, tornaram a encontrar D. Henrique combatendo em grandes apuros, já bastante ferido, sem nunca voltar as costas ao inimigo! Agrupando-se em seu redor, animados pelo seu exemplo, levaram os inimigos na sua frente, até à cerca que dividia Ceuta em duas cidades distintas.

Do ardor da perseguição, D. Henrique compreendeu terem-se afastado muito, e que dos seus só se encontravam, por junto, 17! Os mouros detiveram-se num sítio onde a cerca exterior e a interior formavam um ângulo, protegido pela sombra do muro do castelo, que o dominava.

Ali travou-se um combate de extrema bravura, para arrancarem

aos mouros um lusitano. A muito custo, conseguiram libertá-los, perseguindo os mouros com desmedida fúria. E, transpondo uma porta, encontraram-se num corredor abobadado, que ia ter a uma segunda e a terceira portas, constituindo um labirinto, como se usavam muito nas fortalezas árabes.

Contando os companheiros, verificou que eram quatro e consigo cinco! Todos os mouros tinham fugido misteriosamente. Foi o que valeu, considerou. Um lusitano prefere a morte à fuga, e D. Henrique, educado nesse princípio, conquistado um posto, já o não largava por coisa nenhuma, e ali esteve umas poucas de horas, à espera que chegasse alguém.

Por fim, alguém chegou, para lhe comunicar que toda a cidade estava em poder dos Lusitanos! Todos o julgavam morto, e seu

pai chamava por ele, cheio de angústia.

Indo D. Henrique à sua presença, D. João recebeu-o nos braços, louvando-lhe a bravura, mas não deixando de censurar a sua juvenil temeridade. Era a sua estreia de armas. Tinha 21 anos de idade. A sua despedida teve lugar aos 64 anos, em Alcácer Ceguer, dois anos antes de morrer.

Procedendo-se à escolha do governador da cidade, o rei indicou o nome de Martim Afonso de Melo, envelhecido ao serviço da pátria, cujos últimos actos de heroísmo foram prestados nesta empresa. A instâncias de D. Duarte, ficou o conde de Viana, D. Pedro de Meneses, que o Infante herdeiro acabava de armar cavaleiro.

Major Sousa Nunes

(in «Notícias do Algarve» em 26-5-55)

Comemorações Henriquinas NO ULTRAMAR

(Conclusão da 1.ª página)

pode e deve ser grande e forte elo a ligar intimamente, todos os que à sombra benemérita da mesma bandeira se acolhem contentes e felizes.

Quando tantos e tão maus ventos satânicamente soprados varrem o mundo de lés-a lés e procuram principalmente cavar a desunião, o exemplo que os portugueses de Além-Mar estão, de novo, dando ao Mundo, na consagração daquela que repetimos é das maiores senão a maior figura da construção da Pátria é dos que não podem de modo nenhum deixar dúvidas quanto à estreita unidade dos portugueses de todas as paragens e latitudes.

O homem que foi, com efeito,

o principal e maior obreiro do Portugal dilatado por toda a imensa vastidão da Terra, pode e deve ser também, o centro magnífico desse espírito de unidade que ele foi o primeiro a saber construir.

Quando no próximo dia 13 de Novembro tiver descido o pano sobre a última das comemorações do Centenário do Infante, Portugal terá de certo sentido que é maior, mais forte, mais indestrutível a sua unidade porque todos os portugueses, sem distinção de raça, de cor ou de fé, terão sentido o orgulho da glória desse que foi não só o maior construtor da Pátria comum, mas mais do que isso, se tal se nos consente seja dito, o homem que fez o Portugal de Além-Mar.

O Grémio da Lavoura DE CASTRO MARIM, ALCOUTIM E VILA REAL DE S. ANTÓNIO pede que seja concedido novo prazo para a substituição das chapas dos rodados dos veículos de TRACÇÃO ANIMAL

MA' cerca de três anos, foi exigido por Lei que as chapas dos rodados, dos veículos de tracção animal, que transitassem nas estradas do País, obedecessem a determinadas medidas.

Houve reacção, houve muita celeuma, e as entidades responsáveis determinaram que passado um período de transição, a lei entrasse em vigor. O período de transição, talvez tenha sido longo de mais, dando lugar a esquecimentos quase totais, pois poucos são os que se lembravam que aquele período terminasse, em Dezembro

próximo passado.

Iniciado o ano de 1960, assistimos a uma vaga de multas a todos aqueles que utilizando veículos de tracção animal circulavam esquecidos, pelas nossas estradas.

Afinal quem lucrou com a acção tão pouco contemporizadora das funcionários encarregados de fazer cumprir a Lei?

Julgamos que ninguém, inclusivamente nem o próprio Estado lucrou, pois a paralização forçada da quase totalidade daqueles veículos, que representa uma força nacional muito grande, ligada principalmente à pequena lavoura, mas também ao comércio, e à indústria, ficou completamente manietada por impossibilidade de em pouco tem-

po, poder substituir as rodadas, pois que além de apresentar um capital elevado para os seus utentes que na sua maioria, são pobres, é completamente impossível às oficinas especializadas, de poder atenderem num prazo curto todos os interessados, resultando daí uma paragem forçada que terá repercussões nos lares dos atingidos e na própria economia da Nação.

Parece-nos que esta situação, ter-se-ia podido evitar, se seis meses antes de terminar aquele período de transição, os cantoneiros e principalmente a Polícia de Viacção e Trânsito, fossem chamando a atenção de todos os interessados, que a partir de 1 de Janeiro de 1960, quem não tivesse dentro da Lei era autuado.

O Grémio da Lavoura de Castro Marim, Alcoutim, Vila Real de S. António, conhecendo o prejuízo que acarreta principalmente para a lavoura, a paralização de tantos veículos, vem por este meio chamar a atenção das entidades responsáveis para a necessidade de ser concedido um novo período de seis meses, para completa substituição das chapas nos veículos de tracção animal.

Seja económico

Peupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

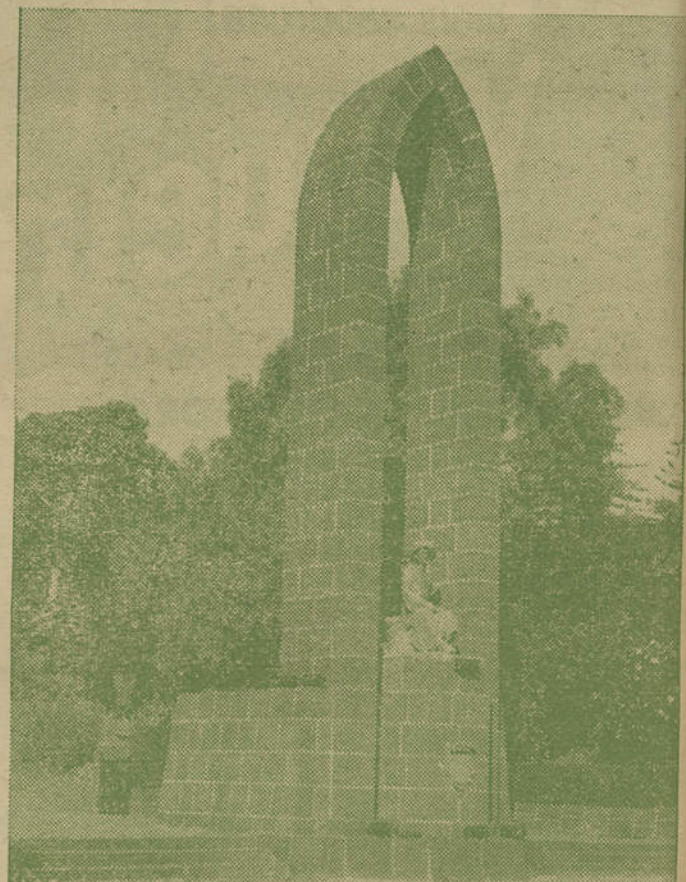
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Telefone 59

Apartado 3



Monumento ao Infante, no Funchal

VENDE-SE

Uma casa em madeira com 100m², coberta de lusalite com 4 divisões, optima para restaurante para praia.

Nesta Redacção se informa:

INFANTE

D. HENRIQUE

Pelo Almirante GAGO (COUTINHO)

mentos que, navegando ao largo, se foram descobrir os ventos gerais do Atlântico, reconhecendo-se que eles permitiam tanto as viagens de ida para o sudoeste, como a volta, pelo largo, contornando-se a região daqueles ventos, então contrários. O mar precedeu as terras.

Como se vê, as viagens portuguesas de descobrimento não foram tentadas ao acaso — a acerta — pois tiveram, a par da inevitável audácia dos mareantes, uma prévia preparação científica.

Mercê da intervenção do Infante, sucessivamente os portugueses foram devassando o alto mar: chegaram à Madeira em 1418, aos Açores em 1431, passaram além do Bojador em 1434 e descobriram a Guiné em 1444. Cortámos o Equador em 1470, entrámos no grande rio Zaire em 1484, dobrámos o Cabo da Boa Esperança em 1488, tendo Vasco da Gama chegado à Índia em 1498 e Pedro Al'vares Cabral ao Brasil, em 1500.

Já antes, em 1492, Colombo — que com os portugueses aprendera a navegar — tinha atingido as Antilhas, e também Corte-Real chegara ao continente norte-americano muito antes de 1500. Finalmente, em 1521, Fernão de Magalhães, navegando para Ocidente, atingira as Filipinas, na A'sia.

Tudo isto resultou do esforço do Infante, cuja intervenção permitira inventar a navegação de alto mar.

Esta actuação nacional, iniciada pelo Infante D. Henrique, será vulgarizada no futuro monumento a erigir na ponta de Portugal, que é a Península de Sagres, constituindo um registo simbólico da intervenção portuguesa na abertura de todos os oceanos à Navegação e Expansão Europeias. Ali, um mapa esquemático de toda a terra traduzirá a evolução do Descobrimento dos caminhos marítimos para a Guiné, para a Índia, para a América e, enfim, para o Oceano Pacifico, para a A'sia.



O mausoléu do Infante

(Conclusão da 1.ª página)

largo, chamado Mar Tenebroso.

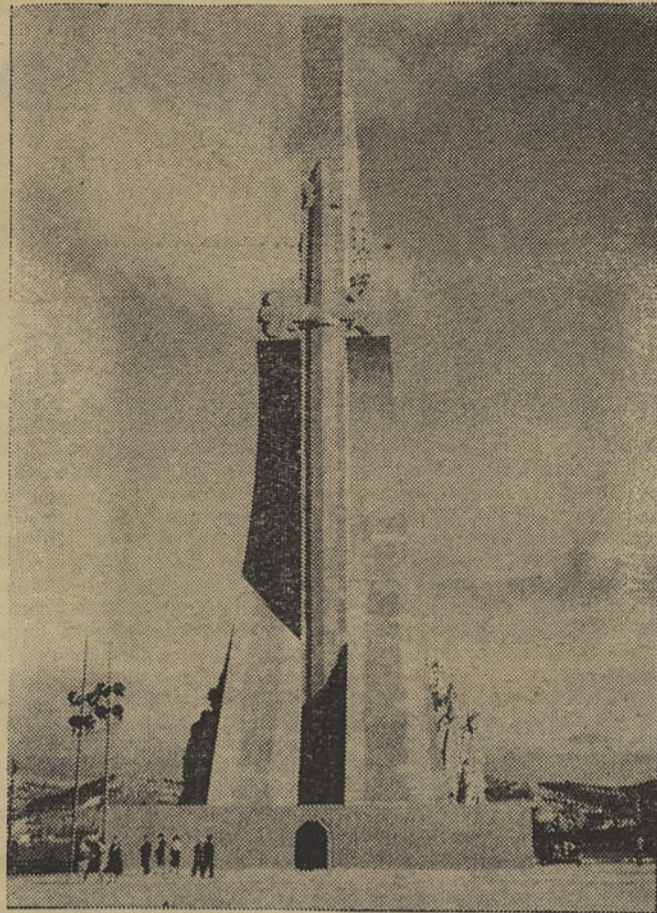
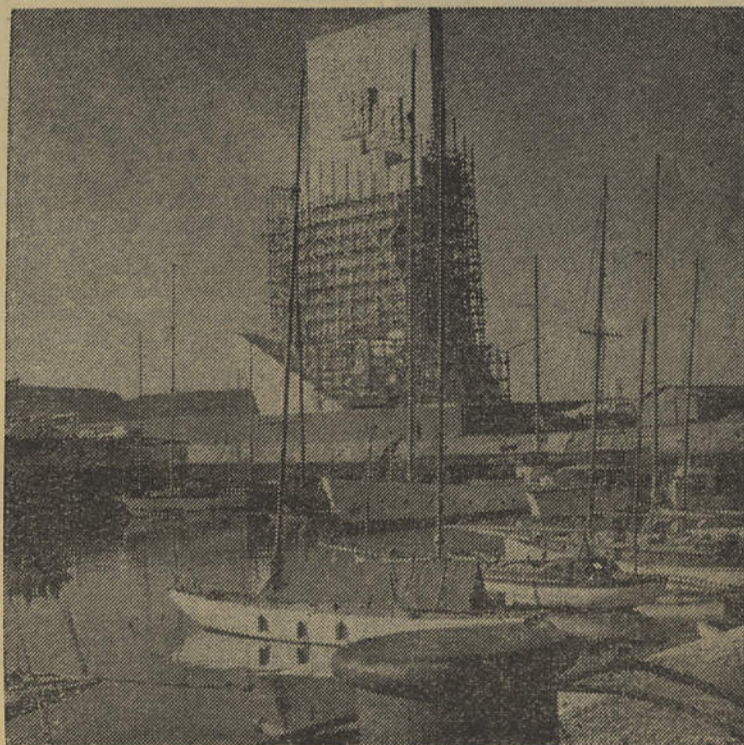
Para criar a nova navegação, teve o Infante de convocar homens práticos, com quem foi estudada a adaptação de navios, de instrumentos e de mapas, a fim de, no alto mar, se poderem orientar por observações astronómicas. Foi com estes ele-

RAÍZES

(Conclusão da 5.ª página)

tro — E você a dar-lhe, que bicho o mordeu? Apareça, homem. Está lá o notário e se você faltasse a coisa seria como uma covardia da sua parte. A sociedade tem as suas exigências, meu rapaz. Não faltel! Ligou o motor do carro, enquanto o médico continuava parado na rua, os olhos enterrados no chão, como indeciso. — Eutão, rapaz? Logo no café. Fixe, anh?

O mesmo sorriso vago, impreciso no rosto, uma indecisão a tolher-lhe a vontade, os olhos presos no sorriso céptico do delegado. — Decida-se, rapaz. E a voz arrastada veio finalmente, violada, incaracterística, vencida: Sempre vou, doutor, vamo-nos desferrar daqueles gajos! O delegado envolveu num amplo sorriso, gracejando: Você tem razão, rapaz, uns morrem devido à rotina outros vão por impotência, e o mundo inteiro, ao fim e ao cabo, quase morre de aborrecimento. Fixe, rapaz! Logo no café; sem falta.



Outro aspecto do Monumento aos descobrimentos que esteve na Esposição do Mundo Português

A GLORIFICAÇÃO DO INFANTE

(Conclusão da 1.ª página)

alguns dos quais fulguraram para a eternidade.

Vamos citar o nome de um deles — Gil Eanes, fiel amigo do Infante, seu dedicado servidor.

Vindo do anonimato, sem ser homem de pro, ele foi dos que mais contribuíram para imortal epopeia.

Três nomes entre todos, resplandeceram na viagem à Índia, ambicionado remate do que ardentemente se pretendia.

Gil Eanes quebrando o encanto do Mar das Trevas, demonstrou praticamente que para além do Bojador não havia os sortilégios que insuflavam a tradição e empeciam o caminho.

A porta abriu-se e fora ele quem efectuara o milagre, desvendando os mistérios do desconhecido.

Bartolomeu Dias, outro nome sem árvore geneológica, dobra o temível promontório do sul da África, das Tormentas por ele chamado, baptizado por D. João II da Boa Esperança.

Entrava-se noutro Oceano o ambicionado Oceano das Índias. A Vasco da Gama, coube a gloriosa honra de aproar às terras ambicionadas.

Vai por todo o País uma onda de entusiasmo.

Exalta-se por todos os meios a figura imortal do Infante.

Associamo-nos, e com todo o carinho o fazemos, ao pagamento dessa dívida de gratidão que excede o limite nacional para se tornar universal.

Mas permitimo-nos como algarvios muito amantes da sua

Província, chamar a atenção para esse grande colaborador do Infante, o rude Gil Eanes, que é também um grande Português.

Lembramos ao Governo da Nação que não ficaria mal, e à semelhança do que com outros já se tem feito, colocar uma estátua do grande marinheiro na sua cidade natal de Lagos, frente à linda baía que ele tantas vezes encararia envolto em vagos sonhos, antes de ter assento na audiência de Sagres.

Glorifiquemos o Infante e com ele os homens que souberam tornar imortal o grande meio de desvendar o segredo dos Oceanos abrindo novos caminhos ao Mundo.

CEUTA PRESTA HOMENAGEM ao Infante D. Henrique

Em homenagem à memória do Infante D. Henrique, o Município de Ceuta oferecerá a Portugal uma estampa de Nossa Senhora da África, imagem venerada por esta cidade como reliquia sem preço.

Nossa Senhora da África é padroeira e alcaidessa perpétua de Ceuta.

Além desta oferta, serão também enviados a Portugal uma bandeira e o escudo da municipalidade, bem como uma grande panorâmica da antiga cidade portuguesa, ligada à expansão marítima de Portugal desde a expedição de 1415.

O nome do Infante D. Henrique figura, de há muito, numa das principais ruas desta cidade.

MÓVEIS JANEL

têm o prazer de convidar a Colónia Algarvia a visitar a grande exposição de mobiliário em todos os estilos nos seus vastos salões.

NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A

LISBOA

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

ESCREVEU EMÍLIO VALONGO

O ENIGMA PSICOLÓGICO DE HOLLYWOOD E AS MENTIRAS DOS CONCURSOS DE BELEZA

DESDE sempre que o sentido psicológico imperou nessa Mesa do celulóide que se chama Hollywood. Se olharmos os seus problemas pessoais e os contrastes psíquicos das suas «estrelas» com profundidade, temos de concordar em absoluto que Hollywood, além de ser o sonho irreal de muitos jovens, é a doce miragem da fortuna, da glória, da miséria e da morte do que foi querido e idolatrado.

Marilyn Monroe que, como aliás todos sabem, casou com o dramaturgo mundialmente conhecido, Arthur Miller, quer ser, à viva força, uma segunda Greta Garbo.

Este é um dos mais famosos problemas hollywoodescos desde

que a loira explosiva pisou os palcos americanos. De manequim fotográfico a «estrela» de quarta categoria, Marilyn, deixou de exibir as pernas e lançou-se abruptamente na senda do dramatismo. Após o fracasso de «Niagara», que a não ser campeão de bilheteira não conseguiu absolutamente nada de sentido artístico, procurou emocionar os seus fans em «O Príncipe e a Corista», ao lado de sir Laurence Oliver. Já anteriormente afirmara que Shakespeare era o seu escritor favorito, enquanto se preparava para interpretar a película «Irmãos Karamazov» que, devido ao seu estado de gravidez, foi, então, substituída por Maria Shell.

A influência pessoal desse gran-

de escritor que se chama Arthur Miller, apossou-se dessa linda mulher que se chama Marilyn Monroe. Nela há certa semelhança com a pena vigorosa que traçou o dramatismo de «A Morte dum Caixeiro Viajante»; nela, afinal, há o sentido verdadeiramente psicológico somente agora revelado. Mas os críticos americanos sorriem-lhe na cara, e voltam-lhe as costas. Ela grita ser a «estre-

la: o marido, Arthur Miller. E é suficiente.

Frank Sinatra: O caso espantoso de Hollywood

A FINA flor da sociedade liboeta safu, cabisbaixa e amarfanhada, da sala do cinema Alvalade. Acabava de ser projectada a película «Deus Sabe

Eis a beldade a que o júri atribuiu o honroso título de «Miss» Portugal. Se o público fosse juiz e ouvido claramente, seria esta a eleita?

Quanto Amei». Intérprete: Frank Sinatra. E safu cabisbaixa porque Sinatra, depois de «Até à Eternidade», vencera-a e convencera-a. É que Frank Sinatra não é já o vulgar cançonetista por quem as fans desmaiam nem o frangalhoto de tiques nervosos. Sinatra é um dos maiores actores dramáticos de Hollywood. Sinatra é real, é ele próprio, em cada interpretação. O contrário, é pura mentira.

Vêmo-lo abatido física e moralmente; sentimo-lo raquítico e alcoólico; descontraído e complexo. A Vida — ou ele próprio contruiu o seu mundo fê-lo assim. Os desgostos da sua vida privada atiraram-no para o lódo da complexidade psicológica. O fracasso passional com essa mulher (Ava Gardner) que ele tanto amou (e que jamais a esquece) abriu-lhe uma chaga profunda no coração dilacerado. E Sinatra, como um viandante perdido, transmite-nos tudo isso em todas as suas películas. Por isso ele é tão real, descontraído, não fazendo alarde duma escola americanizada que «fabrica» actores. Não. Ele é o próprio, afogando a sua dor numa garrafa de «Whisky», lutando contra o destino ou deixando-se matar por uma causa alheia.

Nesse filme que Lisboa aplaudiu (mas que foi mal compreendido), Sinatra volta a demonstrar-nos que a sua gama de recursos pessoais, é infinda. Em «Deus Sabe Quanto Amei», ele é superior a si próprio. É o fulcro do drama. Ele é bem aquele homem: de coração destroçado, alcoólico, malandrim, que, piedosamente, casa com uma prostituta para demonstrar ao mundo que «ela» poderá ser uma mulher de bem.

A crítica americana aplaude Sinatra, mas ele continuará a ser o homem tímido e descontraído. Porque para além do celulóide está ele próprio com os seus dramas e o seu coração, triste e despedaçado.

Esta é uma das verdades sobre os concursos de beleza

A AMÉRICA lançou os concursos de beleza para eleição duma mulher que representasse a mulher universal. A ideia foi lançada e, mais tarde, propagada. Todos nós conhe-



la» mais intelectual de Hollywood, e os críticos voltam a sorrir-lhe na cara.

Um dia, Marilyn, interpretará uma Ofélia. Mais: uma Julieta ou uma Eurídice, mas os críticos continuarão a sorrir...

Há unicamente no Mundo um espectador que tem confiança ne-

"NOTÍCIAS DO ALGARVE"

VENDE-SE EM LEIRIA
na Papelaria VITAL

Esta deu brado em todo o Mundo: a elegante «Miss» Universo 1959. Não teríamos nós, em Portugal, uma representante digna da beleza da mulher portuguesa?



A provocante Marilyn Monroe afirma a pés juntos querer ser «intelectual» de Hollywood. O marido, o famoso escritor Arthur Miller, diz que sim, mas a crítica americana, sorri, e volta-lhe as costas.

mos a orgânica desses concursos e a clamância dos júris que elegem a «rainha» dentre um grupo de esbeltas raparigas vindas de toda a parte do Mundo.

Secedem-se as «broncas» quando da aprovação do júri: ou porque a concorrente tem qualquer atributo postíco ou porque tem mais idade ou porque o noivo da parte da mesa que lhe atribuiu honrosa coroa de «a mais bela mulher do Mundo». O público desse grande conjunto de jurados diz de sua justiça e os críticos afagam ou desdenham a eleita.

É absolutamente certo que mentira anda de braço dado com a decisão do júri, porquanto faz lembrar a menina de tranças loiras que perante os examinadores dá provas de nervosismo, mas «pedidozinho» salvá-la-á de situação melindrosa. Contudo, por vezes, decisões que o público presente e o mundial que acompanham tais certames, estão perfeitamente de acordo. o caso da eleita em 1959, uma peruana esbelta e de invulgares atractivos pessoais, que deu brado em todo o Mundo. Esta decisão de a co-

(Conclui na 9.ª página)

ESCREVEU EMÍLIO VALONGO

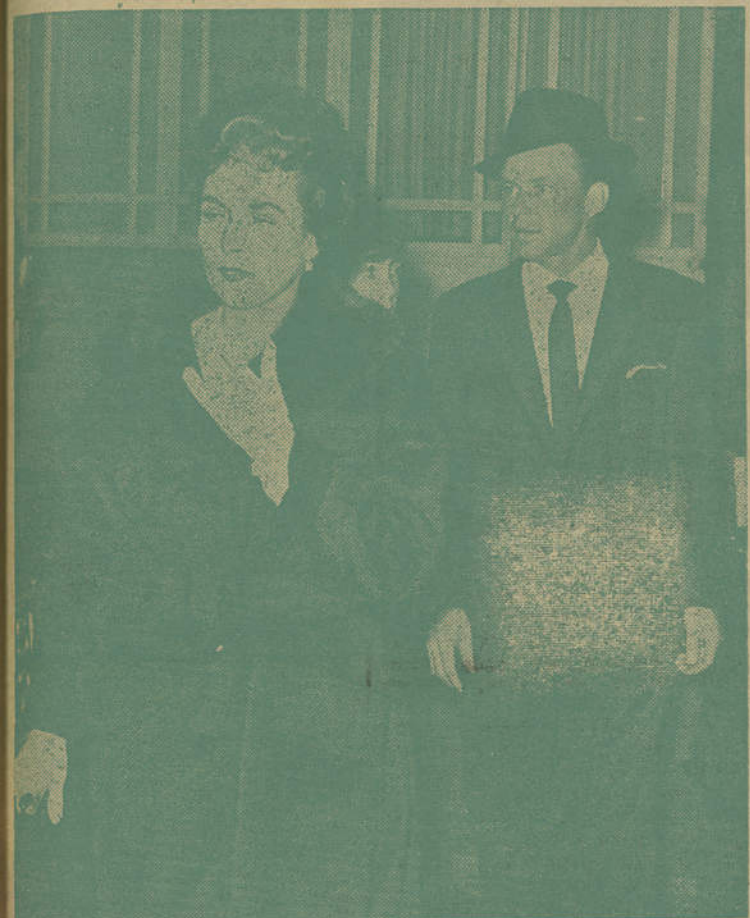
O ENIGMA PSICOLÓGICO DE HOLLYWOOD

(CONCLUSÃO DA 8.ª PAGINA)

nominar com a «Miss» Universal, é pura verdade, porque os factos são de convencer gregos e troianos.

O português também não quis ficar detrás destas americanas e, o ano passado, elegeu a sua «Rainha de Beleza» cuja decisão do júri levantou (e com caradas de razão!) certa celeuma

te, arquivada nas ninharias do «parece mal». Inúmeras raparigas que não concorreram por «parecer mal», seriam, uma delas, claro, a digna representante do nosso País. Sòmente o júri não foi feliz na sua escolha (esta não é uma opinião pessoal, mas colectiva). Uma «Miss» eleita em qualquer país é mais (e tem que ser mais!) do que uma desafortu-



O tímido e nevrótico Frank Sinatra subiu na graduação da escala do cinema mundial. De cançonetista plegas e doentio, ultrapassou a cravelra máxima do dramatismo.

na própria sala onde se realizou o concurso. A imprensa lisboeta, como novidade, dedicou inúmeros cabeçalhos e incalculáveis linhas de prosa à então eleita «Miss» Portugal, e, como acontece nestas andanças, ou bem ou mal, a mentira da mulher padrão máximo da mulher portuguesa, foi de viagem até Londres sem conseguir, sequer, qualificar-se em qualquer pontuação das apuradas.

Esta minúscula amostra de um certame para escolha duma «Miss» ficou, pura e simplesmente,

nada de beleza. Ela será a representante digna do seu País, e não o desprestígio do mesmo.

Valeu a pena termos a nossa «Miss» Portugal para a vermos a fazer compras na *balxa* e a afirmar, com um cartãozinho na mão, em cada estabelecimento, «eu sou a miss Portugal e tenho 40% de desconto!».

Só falta a eleição de *mister* Portugal. Esse, musculoso e morenaco, exclamará: «Eu sou *mister* Portugal e quero casar com a sua filha!».

Emílio Valongo

SABEREMOS, COMO NO PASSADO

(Conclusão da 2.ª página)

e a que nos prendem tão reais laços de afecto.

As comemorações que nesta hora se iniciam, em memória do Infante D. Henrique, ultrapassam o génio e a obra do Príncipe a que prestamos homenagem: elas constituem a expressão da comunidade espiritual que une os portugueses de hoje áqueles que no limiar do século XV, sob a égide do Infante, decidiram escrever no mar os feitos da epopeia que Camões immortalizaria em *Os Lusíadas*. Intacta e presente, permanece em nós essa mesma identidade de ideias. Sobrevivendo às contingências do tempo, continuam no nosso povo as mesmas virtudes de coragem, de sacrificio e de esperança que animam os portugueses do Infante e áqueles que depois dele, ao longo de cinco séculos, tornaram realidade o sonho do promontório de Sagres.

Como no passado, saberemos continuar fiéis à vocação de que o Infante foi o mais nobre e puro dos intérpretes e o mais perseverante e lúcido dos obreiros. No seu ardente misticismo cristão e no sentido heróico de que ele

soubes impregnar a vida portuguesa, se forjou a energia indomável dos marinheiros de Quinhentos, que haveriam de levar a todos os mares as caravelas do Tejo e, nas velas destas, como um tema votivo, a cruz de Cristo.

O que deu, porém, significado universal a essa epopeia, foi menos o seu glorioso heroísmo do que os princípios generosos e humanos que o inspiram. Movidos pelo espirito fraterno e igualitário que foi sempre o nosso, irmanámo-nos com todos os povos da Terra, num estilo de vida de que podemos hoje oferecer o exemplo vivo na diversidade de raças que compõe, em vários continentes, a Nação Portuguesa. Muitos, que hoje despertam para as realidades do mundo moderno, apressadamente transportam para textos de tratados e de leis esses princípios. Nós, porém, já o tínhamos inscrito nas práticas quotidianas da vida há muitos séculos.

Essa originalidade, criadora e fecunda, deu-nos o particularismo da nossa estrutura constitucional, modelou-nos a alma nacional, temperou a resistência moral que nos tem permitido atravessar unidos tantas vicissitudes da História. Por isso bem poderemos dizer que, mais que à força das armas, se deve à força moral a unidade da Pátria.

Portugueses de todas essas províncias, próximas ou longínquas, onde se nasce, vive e morre sob a nossa bandeira, ao evocarmos as fontes puras do heroísmo dos nossos maiores — que o Infante de Sagres simboliza porque foi ele o nune tutelar da expansão do mundo português — invocamos todos áqueles, vivos ou mortos, que nas vossas terras construíram e ergueram Portugal.

E não esqueçamos, sobretudo nos passos difíceis da nossa vida, o sacrificio total que da sua fez, a Deus e à Pátria, o Príncipe das Descobertas e, também, a ânsia permanente em que viveu, de levar os portugueses cada vez mais longe, mais além. Ao solenizarmos jubilosamente, no início das comemorações henriquinas, a passagem da data do nascimento, tomemos esse genial príncipe como exemplo maior e curvemo-nos respeitosa e ante a sua impercível memória.

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve no Algarve com o fim de tomar parte das Comemorações Henriquinas em Faro o distinto escritor e investigador histórico sr. dr. Alberto Iria, nosso illustre comprovinciano.

Acompanhado de sua esposa esteve na vila de Castro Marim, onde visitou as suas propriedades o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

Vindo de Lisboa onde esteve durante alguns meses, encontra-se nesta vila acompanhado de sua esposa o nosso estimado amigo e assinante sr. capitão Joaquim Guilherme Travassos.

Acompanhado de sua esposa e filho, esteve em Castro Marim o nosso prezado amigo e assinante em Monchique sr. dr. Joaquim Vaz Palma.

Esteve alguns dias em Lisboa o nosso prezado assinante em Castro Marim sr. António Victor Severo Martins.

ACÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DESTA VILA

No passado dia 25 de Fevereiro, no sítio do Livramento (Tavira) pelas 22,56 horas no combóio correio quando dois Bombeiros Voluntários desta vila acompanhavam a Lisboa o sinistrado sr. Domingos Horta, rebentou um tubo da máquina, resultando ferido gravemente nos braços o maquinista, sr. Guilherme de Oliveira de 52 anos, natural do Lavradio, (Barreiro) e o fogueiro, sr. Francisco Teodosio Neves, de 35 anos, natural de Paderne (Albufeira) que foram imediatamente tratados pelo Bombeiro Voluntário n.º 15 de Vila Real de Santo António, sr. Sérgio Viegas Belo.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

(2.ª publicação)

No dia 16 do ano corrente, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca e nos autos de execução sumária que António Lopes, casado, comerciante, residente na Aldeia e freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, move contra Silvestre Teixeira, solteiro, maior, proprietário, residente no Monte de Pêro Dias, freguesia de Martinlongo, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, em primeira praça e pelo maior lanço oferecido acima do seu valor matricial, do prédio a seguir identificado, penhorado ao referido executado.

Prédio a arrematar

O direito a metade em uma courela de terra de horta com árvores, no Sítio do Serro da Azinheira, nos subúrbios do Monte de Pêro Dias, que confronta pelo norte com o barranco do Montinho, sul com Francisco Miguel, nascente com os próprios e do poente com Silvestre Teixeira, descrito na Conservatória do Registo Predial desta Comarca sob o n.º 7.511, a fls. 101 do Livro B n.º 18 e inscrito na matriz respectiva sob o art.º n.º 1.445 e com o valor matricial corrigido correspondente de 238\$50.

Vila Real de Santo António, 17 de Fevereiro de 1960.

O Chefe da Secção
Régio Augusto Lança

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Victor Manuel Leite Marreiros

ALUGUER DE AUTOMÓVEIS SEM CONDUTOR
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
STAND DE VENDAS
OFICINAS
COMAL

Av. Alvares Cabral, 45-B-LISBOA
Telefones 680160-688525

TINTAS EXCELSIOR

Tintas para
a Constru-
ção Civil



AS MELHORES
TINTAS PARA
NAVIOS DE PES-
CA E COMÉRCIO

DEPOSITÁRIO NESTA VILA:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENIDA DA REPÚBLICA

Telefone 12

DO ALGARVE para os ALGARVIOS

A GRUZ VERMELHA PORTUGUESA está a colher donativos para os sobreviventes ALGARVIOS de AGADIR.

Apela para todos os ALGARVIOS de boa vontade que enviem os seus donativos para a CRUZ VERMELHA EDIFICIO LETHES em FARO até ao dia 19 do corrente.

Em Vila Real de Santo António podem os mesmos ser entregues no BAZAR das NOVIDADES Rua Miguel Bombarda n.º 27 até ao dia 18.

BEM HAJAM



... Os sonhos e as esperanças do Infante, no seu observatório de Sagres, iam-se realizando: via surgir no mar uma terra sua, povoada, arroteada e plantada por sua arte, com lavras exóticas e novas; via levantar-se do lado de África o tremendo cabo, já despido dos seus mistérios e terrores; o mar não acabava ali: a estrada era franca, o caminho patente, ao longo da costa, para o reino obscuro dos Jalofo.

Oliveira Martins

O QUE DEVEMOS AO INFANTE D. HENRIQUE

Pelo DR. GUILHERME DE O. SANTOS

NUNO Álvares Pereira, o Infante D. Henrique e Luís de Camões são os vultos máximos da nossa História.

Ocupar-me-ei apenas do segundo, tendo em mira o 5.º centenário do seu falecimento.

Personalidade das mais fascinantes e singulares a do infante de Sagres! Apreciado a meio milénio de distância, aparece-nos (visão talvez simplista ou errónea, quem sabe?) como um sonhador que construiu o seu mundo sem perder de vista as realidades, como uma espécie de místico militante. Personagens deste tipo, é certo, não são raras no vasto e variegado tablado da História; mas, em D. Henrique, há também um misto curioso de *medievalismo* e *modernidade*, próprio, aliás, de figuras de transição como a sua, entre duas grandes épocas históricas.

Católico fervoroso, não havia desfalecimentos na sua fé e detestava os infiéis, portadores de uma confissão religiosa que sinceramente abominava. Usou cilícios e não casou. Mais do que isso, guardou castidade toda a vida, embora não houvesse proferido votos que a tão severa continência o obrigassem. (Reflexo do culto da Cavalaria e do ideal de pureza de que estava imbuído o santo contestável?). Esta a sua dívida à Idade Média.

Por outra banda, surge-nos, porém, como espírito positivo que à nebulosidade dos relatos lendários e dos vagos informes antepunha a cristalina clareza dos factos bem comprovados (— voltai e ide mais longe — recomendava aos que retrocediam sem alcançarem os objectivos visados) como homem prático, que desenvolveu eficiente acção colonizadora na Madeira e que patenteou tino administrativo na gerência dos seus bens e no governo da Ordem de Cristo. Por este lado, oferece-nos a sua mentalidade traços de inequívoco sabor renascentista.

Têm todos presente a obra, a imensa obra com férrea energia empreendida por este homem extraordinário que, desprezando vãs exterioridades, passava longas

temporadas na solidão da Raposeira, longe das mundanidades e do bulício da corte. Recordarei, em todo o caso, o principal.

Navegar e descobrir terras ignotas ou mal conhecidas a sul do cabo. Não e para ocidente parece ter sido o seu desiderato fundamental; objectivo este que obedecia a razão várias (religiosas, políticas, económicas e talvez até científicas — na medida, pelo menos, em que a mera curiosidade constituiu também incentivo). Entretanto, com o tempo, não repugna crer se tivesse desenhado na sua mente a possibilidade — remota, aliás — de contornarem as caravelas lusitadas o Continente negro e atingirem a longínqua Índia.

Para alcançar este ou estes escopos, promoveu a financiou incansavelmente, durante dilatados anos, numerosas expedições. Pois bem. Foi graças, justamente, a este esforço persistente e metódico, assim como ao estudo racional do que com a arte náutica se relacionava, que se conseguiram progressos técnicos decisivos (salientem-se, em especial, o conhecimento das correntes e dos ventos alisados e o aperfeiçoamento da caravela, como espécime de embarcação mais adequada para singrar longe de terra) e que se logrou resolver satisfatoriamente o problema basilar da navegação no alto mar. Entretanto, os êxitos obtidos (designadamente no aspecto comercial) eram evidentes e começam a animar os mais relutantes. Estava dado assim o impulso inicial que iria conduzir à descoberta do Globo. O desvendamento do Mundo era agora simples questão de tempo.

Permito-me insistir ainda neste ponto. O que verdadeiramente importava não era que este ou aquele navio dobrasse por acaso o Bojador ou abicasse por acidente a Porto Santo ou à Madeira; o que realmente interessava era que se travassem relações amistosas com os indígenas, ou mesmo que se colhessem ensina-

mentos de umas vezes para as outras. O essencial, em suma, era aprender e prosseguir na tarefa encetada. Isto, que é o que caracteriza as modernas navegações e as distingue das de outrora, pressupunha, todavia uma inteligência desempoeirada, um espírito sistemático, uma vontade firme e — porque não? — uma alma sonhadora. Ora estes predicados todos eles os possui D. Henrique e daí fosse ele o agente propulsor da admirável gesta marítima da gente portuguesa. Este o seu papel na nossa História, na História do Mundo, esta a sua glória. (O que afirmo não significa a que tal empresa seja exclusivamente sua. Não se esqueça, designadamente, o clarividente apoio que lhe foi prestado pelo regente D. Pedro, o sábio infante das *Sete Partidas*, cuja estatura se tem agigantado em face dos trabalhos dos modernos historiógrafos).

E chego, por fim, ao mais importante.

No primeiro quartel do século XV, tirando esta senda que a Nação começa a trilhar, de certo modo pela mão de D. Henrique, outros caminhos se abriam? Apenas dois:

A) — O da política peninsular.

B) — O da expansão para o Norte de África.

O primeiro levaria Portugal a imiscuir-se nas contendas domésticas dos povos hispânicos e é duvidoso que saíssemos de tais lutas sem perda ou diminuição da independência. D. Fernando, que não foi superior a tão enganadoras miragens, deixou o País a dois passos do abismo, e D. Afonso V, mais tarde, saldou as suas veleidades ibéricas com o revés de Toro.

O segundo, embora menos desastroso, conduziria se não a uma catástrofe pelo menos a um beco sem saída. O País havia de se esgotar numa luta infundável, agravada ainda por ódios de crenças e ensombrada por intervenções estranhas. A Espanha e a França, nações de resto com

muito mais recursos do que nós, têm nesse particular uma longa e amarga experiência; e o recentíssimo e actualíssimo drama da Argélia, de que os jornais falam todos os dias, mostra sem embages em que vespeiro nos meteríamos. Mas, para que precisamos de buscar exemplos alheios, se os temos em casa? Lembremos D. Sebastião, soberano megalómano que, em Alcácer-Quibir, tão levemente sepultou a autonomia da Pátria!

Destarte, examinando-se as nossas duas crises de independência, verifica-se que se ligam mais ou menos: uma, a de 1385, á política peninsular e a outra, a de 1580, á política marroquina.

Por conseguinte, D. Henrique, apontando-nos o caminho da expansão marítima, contribuiu algo indirecta mas talvez decisivamente para cimentar a nossa independência; na medida pelo menos em que contribuiu assim para nos afastar da sedução das aventuras (ou desventuras) ibéricas, (O facto de se haver deixado enlear também na miragem da guerra à Moirama não prejudica o que ficou dito). Indicou-nos, além disso (o que não é menos importante), o rumo em que havíamos de encontrar a nossa vocação colonizadora, em que havíamos de imprimir sentido universalista à nossa História. Há uma linha de continuidade a ligar para todo o sempre os nomes do Infante D. Henrique e de Camões, expoentes supremos da Lusitanidade.

Dr. Guilherme de Oliveira Santos

NOTAS AGRÍCOLAS

Numa entrevista concedida à Emissora Nacional, em esclarecimento a uma outra do «Diário da Manhã» disse o senhor Engenheiro Caldas de Almeida, director das Organizações da Lavoura que o Algarve produz legumes e frutas um mês mais temporãos que outras regiões do nosso País e ainda de outros países para onde podiam ser enviados.

Porque se não aproveita convenientemente esta riqueza?

Numa conferência proferida nas Caldas da Rainha disse o senhor engenheiro-agrônomo conferente que a mosca da azeitona causa ao País um prejuizo anual de 180 mil contos. O que sabe o nosso agricultor do modo como combater esta e outras pragas semelhantes?

Venha a acção em auxilio da palavra, a prática a completar a teoria.

As mais lindas Rosas
As mais famosas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta



Bolbos, insecticidas, fungicidas, arvoredo, construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

Moreira da Silva & Filhos, Lda.
Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

AOS Srs. COMERCIANTES OU INDUSTRIAIS

CONTABILISTA de vastos e reconhecidos conhecimentos e de toda a idoneidade, dedicando-se exclusivamente á Organização e reorganização de serviços para efeito de acórdos extra judiciais, concordatas, exame etc. etc. — encarrega-se de tais serviços em qualquer localidade do Algarve.

Carta a este Jornal ao n.º 15

SE O INFANTE VOLTASSE À SUA «ROSA-DOS-VENTOS»

IS que estamos chegados às comemorações do quinto centenário do Infante D. Henrique. Assim no-lo dizem as parangonas dos jornais, os eruditos discursos das sessões inaugurais, o coro de vozes que se ergue nas Sés catedrais entoando o «Te Deum» de acção de graças.

Para os menores de trinta anos, tudo isto, toda esta solenidade, todo este vasto programa comemorativo que se prolongará por nove meses — até Novembro — tem um ar de novidade, o aspecto insólito, inesperado, de mobilização de todos os recursos nacionais em matéria de cerimónias patrióticas e de oratória; para os maiores de trinta anos, o centenário henriquino rodeia-se, além dos méritos próprios, de um halo de emocionada recordação do que foram, em 1940, as comemorações do Duplo Centenário de Portugal — a hora alta, a hora maior do ressurgimento pátrio.

O centenário henriquino começa agora. Julho e Agosto serão, sem dúvida, os seus meses capitais, com a presença do Chefe do Estado do Brasil e a realização de solenidade de toda a ordem — desde os grandes congressos científicos até os grandes desfiles náuticos. Entretanto, e enquanto

por António Maria Zorro

crepita e se esfuma a euforia dos momentos inaugurais, entretanto trabalha-se.

Trabalha-se em uma obra de extraordinário valor cultural, que é a publicação da «Monumenta Henricina»; trabalha-se, no Porto, nas obras de restauro de uma velha casa da Rua da Alfândega, que a tradição diz ser aquela onde nasceu o Infante e se não se sabe ainda a que se destinará, depois de haver passado muitos anos tristemente esquecida e utilizada para armazenar de bacalhau; trabalha-se em Belém e em Loures, nas oficinas de canteiro de Mestre Leopoldo de Almeida, de onde saem as grandes estátuas que dia após dia vão guarnecendo o Padrão dos Descobrimentos, já despido de andaimes e já dominando, como há vinte anos, a par da Torre de Belém, todo o cenário ribeirinho da margem Norte do Tejo.

Trabalha-se, sobretudo, em Sagres. Ali no Cabo do Mundo, onde o Príncipe Navegador sonhou e realizou a descoberta do mundo moderno, «tendo aos pés o mar morto e as mortas eras», está a ser levado a termo um plano inteligente e tão completo quanto

possível da reconstituição histórica e de valorização turística — ou melhor: funcional.

Ambas as tarefas são difíceis. A primeira, a da reconstituição, carece de documentos e padece excesso de lendas que a imaginação culta ou popular acumulou em cinco séculos ao redor da Vila do Infante. O único documento iconográfico de que se dispõe e nos permite adivinhar Sagres antes da sua total ruína é um desenho esboçado por Francis Drake, quando no termo do século XVI o fribusteiro fidalgo saqueou o litoral algarvio. É no entanto o bastante para se saber que os «Paços do Infante» se limitavam, afinal, a uma correnteza de casas baixas e modestas, em uma das quais, agora já localizada à ilharga da Capela da Nossa Senhora do Carmo, D. Henrique viveu e morreu e onde, no dizer de Zurara, «quantas vezes o achou o Sol assentado naquele lugar onde o deixara o dia dantes, velando todo o arco da noite, sem receber nenhum descanso, cercado de gente de diversas nações».

A segunda tarefa, a da valorização funcional de Sagres, defronta como grande, exclusiva dificuldade, as próprias condições locais. Sagres é um ermo à base da rede de comunicações, um pedaço de rocha que se entrega, inteira, ao mar e à bruma e nada tem de comum com a colorida quentura da terra algarvia. Em Sagres, além da memória do Infante, só há rocha e mar — e um vento ciclónico, que não consente mais que arbustos rasteiros e urze bravia, como se o vento fosse o guardador impecável da única grandeza ali possível — a do Navegador.

Apesar disso, o plano das obras em curso no Pormontório de Sagres não se limita à reconstituição da casa do Infante e das casernas dos seus soldados e marinheiros; prevê, também, de outras instituições, uma pousada e a sede de um grande centro de estudos ultramarinos, algo que seja para os jovens de Portugal e do Brasil o que já é para os jovens dos países de língua espanhola a Universidade de La Rabida, no litoral de Huelva. Um centro de estudos ultramarinos em Sagres, um local onde em cursos de férias se possam reunir os es-

MAR PORTUGUÊS

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!*

Por te cruzarmos quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezavam!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dôr.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espalhou o céu.

Fernando Pessoa

Comemorações em FARO do Dia da Marinha

Por decisão ministerial foi determinado que o «Dia da Marinha», em 1960, coincidissem com o início das «Comemorações Henriquinas», isto é, tivesse lugar em 4 de Março corrente.

As cerimónias do «Dia da Marinha» tiveram no Algarve, certa solenidade. Assim, no dia 3 de Março, perante uma formatura conjunta de sargentos e praças da Capitania do Porto de Faro, Estação Radionaval da mesma cidade e N. R. P. «BICUDA», na parada da Capitania, estando

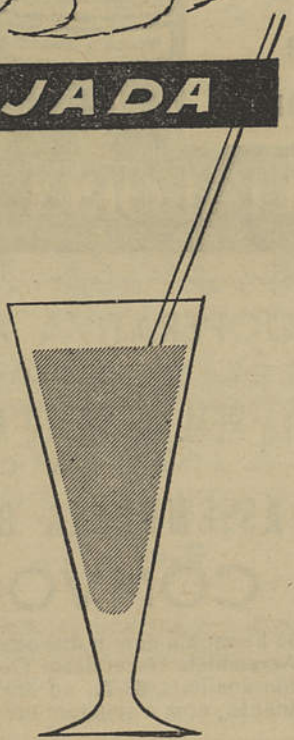
igualmente presente toda a oficialidade, o 1.º Tenente sr. Rui do Carmo Fernandes, proferiu uma palestra alusiva à data comemorativa, focando a figura do Infante D. Henrique, a excepcional e ímpar contribuição da Marinha nas descobertas e o papel de relevo que muitos filhos do Algarve tiveram nessa grande cruzada através dos Oceanos.

Finda a palestra, o destacamento desfilou em continência perante o Comandante da Defesa Marítima de Faro e Capitão do Porto, sr. Comandante Américo das Neves Pacheco, recolhendo depois à sua unidade. No dia seguinte (4 de Março) em todas as Capitánias e Delegações Marítimas do Algarve bem como nas Estações Radionavais de Faro e Sagres foram solenemente içadas as bandeiras nacionais e da Cruz de Cristo (Infante D. Henrique). À noite, a fachada principal da Capitania do Porto de Faro esteve profusamente iluminada (iluminação de gala) e em todas as unidades e estabelecimentos de Marinha, as guarnições reeeberam rancho melhorado, dado o carácter de feriado oficial da data comemorativa.

tudantes de Portugal e os do Brasil e estudar em fraterno convívio os problemas que lhes são comuns, nma casa de estudo e acção que sirva indistintamente os jovens de Coimbra e os do Recife, os de Sá da Bandeira se os do Porto, os de Minas Gerais, do Alentejo, de Cabo Verde, de Mato Grosso, de Macau — os de toda a parte do Mundo Lusfada — será a melhor homenagem à memória do Infante. A única, por certo, que ele desejaria e aceitaría, se lhe fosse dado voltar ao rochedo de Sagres e olhar de novo a sua Rosa-dos-Ventos.



A gravura reproduz o regresso a Lisboa da Missão Extraordinária, que chefiada pelo prof. Caeiro da Mata, foi convidar em nome do Presidente da Republica, o Presidente Kubitschek de Oliveira a visitar Portugal durante as celebrações do centenário do Infante D. Henrique. A' chegada do «Vera Cruz» — em que a missão viajou — o Governo fez-se representar pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcelo Matias.



LARANJADA

refrigerantes
JAGUAR

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Comemorações Henriquinas NO ALGARVE

Por todo o Algarve realizaram-se no dia 4 do corrente, feriado nacional, sessões de Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique que promovidas pelas respectivas Câmaras Municipais, seguindo-se igualmente cerimónias de carácter religioso.

Em Vila Real de Santo António para início das Comemorações que o Governo promove em todo o País, realizou-se no salão nobre dos Paços do Concelho, uma sessão evocativa da obra e vida do Infante, tendo sido a conferente a sr.^a D. Isaura da Conceição Costa, professora da Escola Comercial e Industrial desta vila.

A mesa de honra, encontrava-se presidida pelo sr. Pedro Martins Socorro digno Vice-Presidente da Câmara Municipal, que apresentou a conferente, estando ladeado pelos srs. Dr. Reinaldo Raul Prazeres, sr. Capitão da Guarda

Fiscal, um representante do professorado da Escola Comercial e Industrial e pelo vereador sr. Manuel Guerreiro.

Em Faro iniciaram-se as Comemorações Henriquinas com um solenissimo Te Deum celebrado na Sé Catedral por Sua Ex.^a Rev.^a o Bispo do Algarve.

Seguidamente e pelas 18 horas realizou-se nos Paços do Concelho da Câmara Municipal desta cidade com toda a solenidade e brilhantismo uma sessão que foi presidida pelo ilustre Chefe do Distrito, Presidente da Junta Distrital e do Município, Comandante Militar e da Defesa Marítima, Corredor do Circulo Judicial, Ajudante do Procurador da República e o venerando Prelado da Diocese. Foram oradores o sr. dr. Luis Gordinho Moreira, dr.

C. DE SEQUEIRA SERRA

MÁQUINAS DE ESCRIVER
NOVAS E USADAS

ANEXO: ESCOLAS DE DACTILOGRAFIA

CURSOS PRÁTICOS E POR CORRESPONDÊNCIA

Alameda D. Afonso Henriques, 54 — Telef. 720425

Rua de Crucifixo, 116-3.º Frente — Telef. 20502

LISBOA

« NOTÍCIAS DO ALGARVE »

VENDE-SE EM LISBOA

na Tabacaria Antunes & C.^a

Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

Alberto Iria e o nosso estimado amigo e ilustre director do «Correio do Sul» dr. Mário Lyster Franco.

Só uma cabeça fresca domina os problemas da vida profissional



Defenda-se das dores de cabeça, cansaço e abatimento, tomando

Cafiaspicina

garantida pela



JOSÉ SANCHES BRAVO

Com 57 anos de idade faleceu em Beja o sr. José Sanches Bravo, proprietário, natural de Mértola, onde era muito estimado pelos seus fortes dotes de carácter.

O saudoso extinto era casado com a sr.^a D. Emília Conceição Conduto Bravo, irmão das srs.^{as} D. Felicidade Bravo Nunes, D. Maria Bravo de Sousa Uva, D. Rafael Bravo Tavares e D. Agueda Bravo Passos Lima e dos srs. Manuel Gomes Bravo, Eng. Valentim Bravo e André Gomes Bravo, cunhado das sr.^{as} D. Margarida Belard da Fonseca Bravo, D. Maria Medeiros Bravo, D. Maria Emília Conceição Conduto, D. Ana Conceição Conduto e D. Maria Luísa Conceição Faria Gouveia e dos srs. Manuel Conceição Conduto Júnior, Joaquim Manuel Conceição, eng. Leopoldo Faria Gouveia, almirante Joaquim de Sousa Uva, eng. Luis Santos Nunes, António Passos Lima e António Tavares.

Ao nosso estimado amigo sr. Manuel Bravo, apresentamos as nossas sentidas condolências.

Visado pela Comissão de Censura

Todos os dias se renova o prazer de beber



Fine Brandy

DELAFORCE
O MAIS SUAVE

MÓVEIS
Janel
ORGANIZAÇÃO MODELO
PARA A DECORAÇÃO DO LAR



GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS
VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76 - A

LISBOA

TELEF. 51695

COOPERATIVA AGRÍCOLA LEITEIRA
DOS CONCELHOS DE

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E CASTRO MARIM
S. C. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

De harmonia com o disposto no artigo 21.º dos Estatutos convocamos a Assembleia Geral desta Cooperativa, a reunir na sua sede, Rua Cândido dos Reis, 69-71, no dia 27 de Março, pelas 15 horas em 1.ª convocação, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Discutir e votar o balanço, as conclusões do relatório da direcção e o parecer do concelho fiscal;
- 2.º — Julgar as contas da direcção.

Se por falta de número legal de sócios a Assembleia não puder funcionar em 1.ª convocação, a mesma reunirá em 2.ª convocação uma hora depois no mesmo local, com a mesma ordem de trabalhos com qualquer número de Associados.

Vila Real de Santo António, 7 de Março de 1960

O Presidente da Assembleia Geral

a) João Bernardino Pires